



FACULDADE DE ILHÉUS



CESUPI

COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA

ARTIGO CIENTÍFICO

**A IMPORTÂNCIA DA ABA (ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA) NA
INTERVENÇÃO PRECOCE DO TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)**

Ilhéus, Bahia

2023

FLÁVIA ROCHA CÉO

**A IMPORTÂNCIA DA ABA (ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA) NA
INTERVENÇÃO PRECOCE DO TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)**

Artigo Científico entregue para
acompanhamento como parte integrante
das atividades de TCC II do Curso de
Psicologia da Faculdade de Ilhéus.

Ilhéus, Bahia

2023

**A IMPORTÂNCIA DA ABA (ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA)
NA INTERVENÇÃO PRECOCE DO TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA)**

FLÁVIA ROCHA CÉO

APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

me. Carla Patrícia

Prof^a. Nome do(a) Orientador(a)
Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Orientadora)

Prof^a. (nome do professor)
Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Examinador I)

Prof^a. (nome do professor)
Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Examinador II)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a várias pessoas que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Primeiramente, aos meus avós, cujo amor e apoio incondicional sempre foram minha âncora e minha inspiração ao longo da minha vida. Tudo que sou devo a eles.

Aos meus pais, Flávio e Iracema, pelo apoio incansável, pelo incentivo constante. Obrigada por terem acreditado em mim.

Aos meus tios, Izis, Rafael e Luana, pelos conselhos sábios e encorajamento que me deram em momentos cruciais deste percurso.

Aos meus amigos, principalmente Lara, Alex e Sabrina, pelo apoio emocional e pela compreensão durante os desafios acadêmicos. A amizade de vocês fez esta jornada mais leve e memorável.

A minha orientadora Carla Patrícia, por me encorajar e auxiliar nas minhas dificuldades e por ter acreditado em mim quando me senti perdida e ansiosa para apresentação.

Cada um de vocês contribuiu de maneira única para o meu crescimento pessoal e acadêmico. Este trabalho é dedicado a vocês, cada palavra escrita é um reflexo do amor e gratidão por todo apoio. Obrigada por serem parte fundamental da minha vida e por acreditarem em mim quando eu mesma duvidava. Vocês são especiais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MÉTODO	11
3 REVISÃO TEÓRICA	12
3.1 O Transtorno do Espectro Autista	12
3.2 A análise do comportamento aplicada e sua importância no autismo	13
3.3 A importância da intervenção precoce no TEA	16
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18

A IMPORTÂNCIA DA ABA (ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA) NA INTERVENÇÃO PRECOCE DO TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)

RESUMO

Neste trabalho, explorou-se a importância da Análise Comportamental Aplicada (ABA) no contexto terapêutico. Foi investigado as técnicas e princípios e como são aplicados para auxiliar comportamentos e habilidades sociais presentes no diagnóstico do Autismo. O objetivo deste trabalho é demonstrar a eficácia da Análise Comportamental Aplicada (ABA) como uma abordagem com evidências que promovam a aprendizagem e desenvolvimento de crianças autistas com a intervenção precoce, levando a resultados positivos a longo prazo. Este estudo destaca a necessidade de integrar a abordagem comportamental ABA, como uma abordagem fundamental na intervenção precoce de crianças autistas, com o objetivo de melhorar significativamente sua qualidade de vida e autonomia.

Palavras-chave: Autismo, Intervenção precoce, Análise do comportamental aplicada.

THE IMPORTANCE OF ABA (APPLIED BEHAVIORIST ANALYSIS) IN THE EARLY INTERVENTION OF AUTISM

ABSTRACT

In this work, the importance of Applied Behavioral Analysis (ABA) in the therapeutic context was explored. Techniques and principles were investigated and how they are applied to assist behaviors and social skills present in the diagnosis of Autism. The objective of this work is to demonstrate the effectiveness of Applied Behavioral Analysis (ABA) as an approach with evidence that promotes the learning and development of autistic children with early intervention, leading to positive long-term results. This study highlights the need to integrate the ABA behavioral approach as a fundamental approach in the early intervention of autistic children, with the aim of significantly improving their quality of life and autonomy.

Keywords: Autism, Early intervention, Applied Behavioral Analysis.

1 INTRODUÇÃO

Conforme o DSM-5 TR, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits na comunicação e interação social, além de exibir padrões restritos e/ou repetitivos de comportamentos e interesses. O autismo é marcado por uma série de comportamentos, em termos de quantidade, variedade e intensidade, que são suficientes para prejudicar o indivíduo em áreas como relacionamentos sociais, profissionais, acadêmicos e emocionais.

As principais dificuldades enfrentadas por crianças com autismo, incluem a atenção ao outro, a utilização de sorrisos sociais, brincadeiras sociais, comunicação verbal e não verbal, imitação, atenção compartilhada.

O Manual de Orientação do Transtorno do Espectro do Autismo da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) indica um aumento significativo no número de pessoas com autismo. No dia dois de dezembro de 2021, o relatório do CDC, Centro de Controle de Doenças e Prevenção, publicou dados recentes sobre a prevalência de autismo entre crianças de 8 anos (1 a cada 44 crianças), dados estes que foram coletados em 2018, obtiveram um aumento de 22% em relação ao estudo anterior (1 para cada 54 crianças). O aumento é atribuído ao desenvolvimento de instrumentos diagnósticos e rastreamento, à ampliação dos critérios diagnósticos e ao crescente interesse e conscientização, tanto das famílias quanto dos profissionais de saúde (SBP, 2019).

É de suma importância identificar o transtorno do espectro autista, o mais cedo possível para começar a intervenção. No Autismo, além dos comportamentos repetitivos, os déficits na linguagem e a dificuldade da criança autista de compreender expressões faciais e reconhecimento de emoções são comuns e percebidos logo nos primeiros anos de vida. Portanto, esses déficits podem ter impactos nas relações sociais e na comunicação daquela criança.

O objetivo deste trabalho visa ampliar a visão de todos que possuem um familiar que obteve um diagnóstico recente do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e busca a melhor forma de conduzir tais comportamentos que são características do TEA. A Análise Comportamental Aplicada é um método que auxilie no comportamento de crianças, principalmente crianças autistas, esse

método além de auxiliar na condução de comportamentos disruptivos, também auxilia na aprendizagem dessas crianças, quanto mais cedo há essa introdução da Análise Comportamental Aplicada, maior é o resultado, pois quando há uma Intervenção Precoce que se inicia com crianças entre 3-4 anos, o cérebro é ainda mais plástico, com maior capacidade para desenvolver novas habilidades e competências, portanto, a neuroplasticidade da criança está em desenvolvimento e absorve aprendizagens com mais rapidez do que uma idade mais avançada e sendo assim, obtém mais resultados a longo prazo.

O diagnóstico não limita a criança, mas enfatiza que aquela criança possui limitações comportamentais que com o uso das técnicas comportamentais, seria importante para uma melhora na qualidade de vida. A técnica comportamental mais indicada para o TEA é a ABA, pois além de existirem estudos com eficácia para diminuição de comportamentos repetitivos, auxilia também na autonomia da criança autista que precisa de suporte, seja 1,2 ou 3. Sendo assim, há o Plano Individual de cada criança para auxiliar no desenvolvimento para a diminuição do comportamento problema, pois cada criança vai apresentar estereotípias e características diferentes do Transtorno do Espectro Autista.

2 MÉTODO

O presente estudo se trata de uma pesquisa exploratória. GILL,A. (2008) considera que a pesquisa exploratória tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais delimitados ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Segundo o autor, estes tipos de pesquisas são os que apresentam menor rigidez no planejamento, pois são planejadas com o objetivo de proporcionar visão geral do fenômeno estudado.

Para o desenvolvimento da pesquisa e compreensão ampla do tema, este estudo foi realizado a partir da análise livros, documentos eletrônicos, cartilhas e pesquisas científicas nacionais, previamente publicados nos bancos

de dados SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde).

3 REVISÃO TEÓRICA

3.1 O Transtorno do Espectro Autista

O autismo é considerado um transtorno do neurodesenvolvimento. Tais condições surgem na infância, afetando o desenvolvimento do sistema nervoso, que resulta em desafios em aspectos cognitivos, sociais e motores, gerando impactos significativos na vida diária. Além disto, o transtorno apresenta alto risco de recorrência familiar, com múltiplas causas. As manifestações que caracterizam são comportamentais e na comunicação (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE-OMS, 1992).

O autismo tem uma trajetória complexa em termos de reconhecimento e compreensão. Um dos primeiros estudos do Autismo foi do psiquiatra austríaco, Leo Kanner, quando observava crianças exibindo comportamentos atípicos com relação à necessidade, capacidade e procura por relações sociais comuns. Em 1943, foram realizados estudos que denominaram o transtorno como “distúrbio autístico do contato afetivo” como sendo a origem das dificuldades apresentadas (KANNER, 1943). Depois de vários estudos envolvendo as características apresentadas, foi denominado “Transtorno do Espectro Autista” mais conhecido como Autismo.

A terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III) classificou o autismo na categoria de “Transtorno Invasivo do Desenvolvimento”. Esta edição introduziu o termo “Transtorno Autista” e foi a primeira a reconhecer o autismo como uma entidade diagnóstica separada (ASSOCIAÇÃO DE PSIQUIATRIA AMERICANA- APA, 1980). Em sua quarta edição o manual apresentou a categoria “Transtornos Globais do Desenvolvimento”, na qual foram incluídos cinco subtipos. Entre esses subtipos, destacou-se o “Transtorno Autista”. Essa edição do manual também introduziu distinções específicas entre as formas de “transtornos do espectro autista”, incluindo o autismo, a síndrome de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância e o transtorno generalizado do desenvolvimento não especificado (APA, 1994). Ainda, o DSM-IV-TR listava três domínios principais

de sintomas: interação social, comunicação e comportamento restrito e repetitivo (APA, 1994).

O DSM-V incluiu mudanças significativas na visão do transtorno. Dentre elas, a quinta edição consolidou os transtornos do espectro autista em uma única categoria chamada "Transtornos do Espectro Autista" (APA, 2014). Foi também introduzida uma graduação de severidade, reconhecendo a amplitude na intensidade dos sintomas. Assim, sua classificação foi definida em: a) Nível I - na ausência de apoio, há prejuízo social notável, dificuldades para iniciar interações; b) Nível II - exige apoio substancial havendo prejuízos sociais aparentes, limitações para iniciar e manter interações; c) Nível III - exige muito apoio substancial, havendo déficits graves nas habilidades de comunicação social, inflexibilidade de comportamento e dificuldade com mudanças (APA, 2014).

Na última edição do manual (DSM-V-TR), duas áreas básicas foram consideradas para o diagnóstico: dificuldades na comunicação social e comportamento ou interesses restritos, repetitivos e sensoriais. A comunicação social relata sobre a dificuldade da criança autista se comunicar, manter a comunicação em grupo, por exemplo. Já o comportamento e interesses restritos descreve sobre a dificuldade da criança em ter novos comportamentos, como comportamentos limitados, ou interesses limitados, como interesse e hiperfoco em algumas coisas e outras não (APA, 2023).

3.2 A análise do comportamento aplicada e sua importância no autismo

A Análise do comportamento é uma ferramenta de aprendizagem eficaz para ajudar as crianças com autismo ou atrasos no desenvolvimento a adquirir novas habilidades. Esta ferramenta é fundamentada no comportamentalismo, uma ciência que avalia o comportamento a partir de análises fundamentadas e da observação de fatos práticos como reações a estímulos.

Também chamado de behaviorismo ou psicologia comportamental, o comportamentalismo originou-se nos Estados Unidos no início do século XX. Os manuais de Psicologia descrevem o behaviorismo como uma corrente de pensamento na Psicologia, inaugurada por John B. Watson (1878-1958), notadamente por meio de seu manifesto de 1913 (Watson, 1913/1994).

Fundamentalmente, essa abordagem se caracterizava pela consideração do comportamento como o principal objeto de estudo da Psicologia, pela concepção de continuidade entre as diferentes espécies e pela adoção dos métodos investigativos das ciências naturais, tais como observação e experimentação (TOURINHO, 2010).

A Psicologia, conforme percebida por um behaviorista, representa uma vertente estritamente experimental da ciência natural. Seu propósito teórico consiste na previsão e controle do comportamento (TOURINHO, 2010).

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA), baseada na filosofia behaviorista, é uma ciência que observa, analisa e explica a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem. Para aplicação dessa técnica, o comportamento deve ser analisado, um plano de ação pode ser criado para modificar aquele comportamento (HARZEM; MILES, 1978)

Ole Ivar Lovaas, um psicólogo e professor norueguês-americano foi a primeira pessoa a utilizar a ABA como uma abordagem terapêutica para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), desde então muitos psicólogos vêm fazendo muitas contribuições na utilização dessa abordagem. Muitas técnicas têm sido descobertas e tornado o ensino da ABA mais eficiente e efetivo ainda (LOOVAS, 2003)

A aplicação da ABA começa em casa, quando a criança está nos primeiros anos de vida, pois a intervenção precoce é essencial. Para crianças com autismo, que apresenta muitos atrasos no desenvolvimento, a ABA é fundamental, pois apresenta uma observação e aplicação de técnicas com aprendizagem sem erro para auxiliar comportamentos limitados de uma criança autista que possui dificuldades. Portanto, o objetivo da ABA é a ampliação do repertório do comportamento, habilidades sociais, aumentar sua autonomia e diminuição dos comportamentos disruptivos que comprometem a interação social da criança (NASCIMENTO; SOUZA, 2018)

A Intervenção Comportamental baseada em ABA envolve práticas fundamentadas em princípios científicos, como a diminuição dos comportamentos prejudiciais a criança. A estrutura da intervenção pode ser abrangente ou focal. Na abordagem abrangente, as intervenções têm o desenvolvimento de habilidades em diversas áreas, como sociais, cognitivas, linguísticas e comportamentais. Já na abordagem focal, profissionais

concentram-se em uma ou duas áreas específicas como alvo da intervenção, como a diminuição de comportamentos agressivos ou prejudiciais a criança.(ALMEIDA,1997).

O planejamento da intervenção requer uma avaliação detalhada comportamental do paciente, que inclui identificar suas habilidades, os déficits que ele possui em excesso. Essa avaliação tem o propósito de estabelecer metas específicas para serem alcançadas e progressivamente desenvolvidas durante o processo de intervenção. Além disso, são empregadas estratégias com o objetivo de generalizar as habilidades aprendidas (ALMEIDA, 1997).

As estratégias utilizadas na Intervenção Comportamental são necessárias para uma aprendizagem sem erro. O termo tem sido utilizado para se referir à programação de contingências de ensino que resultam em desempenhos precisos ou com pouco erro. Na Análise do Comportamento os erros e suas implicações para a aprendizagem são investigados em estudos sobre controle de estímulos e os resultados indicam que erros podem interferir na precisão de desempenhos já aprendidos, gerar comportamentos emocionais. Através da aprendizagem sem erro, é importante descrever que deve haver um reforço positivo para essa criança (MELO; HANNA; CARMO,2014).

O reforço positivo desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem, sendo essencial. Isso se deve ao fato de que o processo de reforço é o que viabiliza a ocorrência mais frequente de determinado comportamento no futuro.

Qualquer comportamento, pode ser examinado através da contingência tríplice ABC, que representa as iniciais em inglês para Antecedent (Antecedente) → Behavior (Comportamento) → Consequence (Consequência) (MICHAEL,1975). Portanto, dentro das estratégias de intervenção, tanto o reforço positivo quanto o negativo podem ser aplicados, especialmente para instruir novas habilidades. Sua importância reside na capacidade de manter a pessoa envolvida e motivada em uma atividade específica. Portanto, é crucial observar o comportamento e compreender o que será motivador para o indivíduo em questão (MICHAEL, 2006).

Segundo Borba e Barros (2018), os reforçadores são elementos que a criança aprecia, sendo classificados em diversas categorias: reforçadores

comestíveis (como chocolate, pipoca, suco); reforçadores sociais (expressões como "muito bem", "parabéns"); reforçadores tangíveis (brinquedos, objetos); reforçadores físicos (massagens, abraço) e atividades (cantar, brincar de se esconder). Esses elementos têm o potencial de reduzir ou até mesmo eliminar comportamentos socialmente inadequados, ao mesmo tempo em que oferecem oportunidades para o desenvolvimento de outros comportamentos.

Diante desse contexto, é possível apresentar diferentes formas de suporte que podem ser oferecidas para auxiliar no desempenho do indivíduo durante a intervenção ABA. Para uma maior eficácia da intervenção, é necessário que o serviço seja organizado com uma equipe de profissionais com diferentes formações. Um serviço adequado inclui: Analista do Comportamento Supervisor, responsável pelo desenvolvimento e gerenciamento da intervenção; um Analista do Comportamento Assistente, encarregado de auxiliar na prática da intervenção; Aplicadores, que são responsáveis pela aplicação direta garantindo o número necessário de horas para a intervenção ocorrer (ALMEIDA, 1997).

importância da intervenção precoce no TEA

A área de intervenção precoce (IP) no autismo apresenta alguns dados positivos quanto à sua eficácia. Sendo assim, os programas da abordagem desenvolvimentista são bastante importantes, que visam proporcionar melhora nas habilidades que caracterizam o diagnóstico.

Nos primeiros anos de vida, o cérebro demonstra uma plasticidade notável, sendo altamente receptivo a estímulos e vivências. Intervenções apropriadas nesse período crucial têm o potencial de impactar de maneira positiva a criação de conexões neuronais, impulsionando a eficiência e a adaptabilidade do sistema nervoso (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Neste período da vida há uma extrema relevância para aquisições dos marcos do desenvolvimento e para prevenção de riscos para atrasos no desenvolvimento, no qual a qualidade da sua evolução pode repercutir em curto e longo prazo. Quanto aos fatores de risco, a necessidade de se investir em recursos que sejam capazes de inibir seus efeitos com eficiência é

essencial. Sendo assim, os programas de Intervenção Precoce são fundamentais para prevenção, identificação e intervenção (SERRANO,2007).

Após a primeira infância, o desenvolvimento cerebral passa por uma mudança em sua trajetória, tornando-se mais propenso a assimilar informações específicas. Inicialmente, ocorre um avanço global, mas, em uma determinada idade, essa dinâmica se transforma. Conforme o crescimento avança, as funções cerebrais, embora compartilhem uma origem comum, passam a se especializar (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Em outras palavras, qualquer alteração no comportamento ou pensamento implica, do ponto de vista fisiológico, em uma mudança no cérebro (PAPALIA; FELDMAN, 2013). A terapia atua nesse sentido, reorganizando o cérebro por meio de treinamento e prática. O tratamento comportamental, notadamente eficaz para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) devido à sua abordagem pragmática e metodológica, segue um protocolo preciso, começando com habilidades básicas e progredindo gradualmente para tarefas mais complexas.

O conceito de intervenção precoce surge como uma possibilidade intencional de intervir no desenvolvimento infantil, de maneira que este processo ocorra da melhor maneira, especialmente para aquelas crianças que se encontram em risco de ter o seu desenvolvimento afetado (FRANCO,2007).

A intervenção precoce no autismo tem sido realizada cada vez mais cedo, a partir dos 18 meses de idade. A identificação tem sido feita através das dificuldades específicas na orientação para estímulos sociais, contato ocular social, atenção compartilhada, imitação motora e jogo simbólico. A avaliação comportamental fornece *insights* fundamentais para o tratamento, considerando as necessidades individuais de cada criança (BARON-COHEN; ALLEN; GILLBERG, 1992).

Dawson e Osterling (1997) realizaram cerca de oito programas de intervenção precoce para crianças autistas entre três e meio e quatro anos de idade e concluíram que todos foram eficazes em proporcionar a colocação de 50% das crianças em uma escola regular. Com a imitação, compreensão e o uso da linguagem.

Skinner (1972) e Lovaas (1987) relataram a importância da educação especial com propostas de programas de ensino individualizado que tenham

como objetivo o ensino de linguagem e comportamento verbal para habilidades.

Embora muitos tratamentos pretendam melhorar os resultados, ABA continua sendo o primeiro tratamento recomendado após o diagnóstico de autismo. Por ter sido estudado por décadas e ter o maior corpo de pesquisa para apoiar sua eficácia, é considerado o padrão-ouro no tratamento do autismo.

Sendo assim, é observado que esses comprometimentos afetam o estilo de vida dos pais, cuidadores e principalmente da criança (tendo em vista que o diagnóstico geralmente é realizado no início infância), os recursos para o desenvolvimento de repertórios da pessoa com espectro tornam os interesses em atividades limitados e restritos. Por isso, é de grande importância obter o diagnóstico do espectro o mais cedo possível, pois a partir dele os cuidadores podem procurar técnicas que auxiliem no desenvolvimento daquela criança (WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020).

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) fundamenta-se primariamente na avaliação clínica do paciente, seguindo os critérios estipulados no DSM-V. Identificar alguns dos sintomas descritos no manual nos primeiros 36 meses de vida, juntamente com intervenções de longo prazo, pode ter um impacto positivo no prognóstico. Isso se deve ao fato de que a idade no início do tratamento é um dos fatores determinantes para uma evolução mais favorável. Dada a importância do diagnóstico precoce do autismo. (VASCONCELOS; 2009)

A Análise do Comportamento afirma que tudo o que fazemos é comportamento (mesmo aquilo que não sabemos que fazemos); e tudo isso que fazemos tem uma única natureza, não importa se o comportamento é verbal/simbólico, complexo, privado, consciente ou não. A análise funcional relata a interpretação do comportamento por defini-lo como uma relação com outros eventos antecedentes e consequentes em um contexto sócio-histórico específico. (HUBNER, 2007)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões expostas, é possível destacar a importância crucial da análise do comportamento aplicada no desenvolvimento e no bem-estar das crianças. A análise comportamental, com suas metodologias precisas e estruturadas, desempenha um papel significativo na promoção de habilidades e na melhoria da qualidade de vida de autistas, especialmente nos desde os estágios iniciais de desenvolvimento. A intervenção comportamental na primeira infância destaca-se pela sua meticulosidade e planejamento cuidadoso, reconhecendo as dificuldades de aprendizado que crianças com TEA podem enfrentar. O enfoque na organização, disciplina e previsibilidade ressoa bem com as características preferenciais desses indivíduos, contribuindo para uma maior eficácia da intervenção.

Pode-se concluir que é de suma importância que o diagnóstico de autismo seja fechado o quanto antes, se possível nos primeiros anos de vida, devido a neuroplasticidade cerebral. Além disso, é crucial que as intervenções aconteçam logo nos primeiros anos de vida, através de profissionais que realizam o Plano Individual trabalhando com cada dificuldade de desenvolvimento que a criança apresenta. Sendo assim, também é importante destacar que os pais e cuidadores precisam aplicar a Análise Comportamental Aplicada em outros ambientes além da clínica. Pois, é um processo que demanda um certo tempo e também persistência. Tanto no observar, quanto na aplicação para reduzir e/ou eliminar comportamentos. Dessa forma, a intervenção precoce proporciona à criança uma vida com mais autonomia, funcionalidade e independência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. *As relações entre pares em idade escolar*. Um estudo de avaliação da competência social pelo método Q Sort. Tese (Doutorado) - Universidade do Minho, Braga, 1997.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*: DSM-III. 3ª ed. Washington: Associação Americana de Psiquiatria, 1980.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*: DSM-IV. 4ª ed. Washington: Associação Americana de Psiquiatria, 1994.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *DSM IV - TR Manual de Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*: DSM-5. 5ª ed. Washington: Associação Americana de Psiquiatria, 2014.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*: DSM-5-TR. 5ª ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BARON-COHEN, S. *Mindblindness: An essay on autism and theory of mind*. Massashusetts, MIT Press, 1996.

BORBA, M. M. C.; BARROS, R. S. *Ele é autista: como posso ajudar na intervenção?* Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo. Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018.

DAWSON, G., & OSTERLING, J. Early intervention in autism. In M. J. Guralnik (Org.), *The effectiveness of early intervention* (pp.307-326). Baltimore: Paul H. Brookes, 1997.

FRANCO, V. Dimensões transdisciplinares do trabalho de equipe em intervenção precoce. *Interação em Psicologia*, 11, 2007. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/6452/6779>. Acesso em: 22 de abril de 2010.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HARZEM, P.; MILES, T. R. *Conceptual issues in operant psychology*. Chichester: Wiley, 1978.

HUBNER, Maria Martha Costa. **Martha Hubner: análise do comportamento no autismo**. . São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. ;2007

KANNER, L. Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. *Nervous Child*, v. 2, n. 3, p. 217-250, 1943.

LOVAAS, O. I. Behavioral treatment and normal education and intellectual functioning in young autistic children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v. 55, n. 1, p. 3-9, 1987.

LOVAAS, O.I. *Teaching individuals with developmental delays: basic intervention techniques*. PRO ED Inc, 2003.

MELO, R.; HANNA, S.; CARMO, J., Ensino sem erro e aprendizagem de discriminação. *Temas psicol.* [online], vol.22, n.1, pp. 207-222, 2014

MICHAEL, J. Comment on Baron and Galizio (2005). *The Behavior Analyst*, 29, 2006, p. 117-119.

MICHAEL, J. Positive and negative reinforcement: A distinction that is no longer necessary; or a better way to talk about bad things. *Behaviorism*, 3, 1975, p. 33-44.

NASCIMENTO, G. A.; SOUZA, S. F. *A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA): possibilidade de intervenção psicopedagógica através da Análise do Comportamento Aplicada*. Revista do Curso de Pedagogia da Universidade Fumec - Paidéia, XIII (19), 2018.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento Humano*. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

SERRANO, A. M. *Redes Sociais de Apoio e a sua Relevância para a Intervenção Precoce*. Porto: Porto Editora, 2007.

SKINNER, B.F. *Tecnologia do Ensino*. São Paulo: E.P.U., 1972. (Tradução de Rodolpho Azzi / Edição original de 1968).

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). *Manual de Orientação Transtorno do Espectro do Autismo*. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento, n. 5, 2019.

TOURINHO, E. Z.; SÉRIO, T. M. A. P. Dimensões contemporâneas da Análise do Comportamento. In: TOURINHO, E. Z.; LUNA, S. V. (Orgs.). *Análise do comportamento: Investigações históricas, conceituais e aplicadas*. São Paulo: Roca, 2010, p. 1-13.

Vasconcelos RMARL. Autismo infantil: A importância do tratamento precoce. Universidade Federal De Alagoas – UFAL. 2009 [acesso em 18 março 2019].

WATSON, J. B. Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, v. 101, p. 248-253, 1994. (Original work published 1913).

WEIZENMANN, L. S.; PEZZI, F. A. S.; ZANON, R. B. Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 24, n. 1, p. 1-8, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Classification of mental and behavioral disorders: *Clinical descriptions and diagnostic guidelines*. Geneva, 1992.